

Richard Zimler

Excerto de “Goa ou o Guardião da Aurora” (Cena da Auto-da-fé)

Por uma hora ou mais, fomos exibidos pelas ruas. Eu nunca vira tanta gente amontoadá, a acotovelar-se e a gritar. Os mais excitados forcejavam para melhor verem a nossa desgraça. Os pés começaram-me a sangrar, mas eu fiz de tudo para não coxear, tentando não dar mais nas vistas.

Chegados à Igreja de São Francisco, deparámos com a porta principal engalanada com ramos de palmeira. Baixando a cabeça, transpusemo-la e sentámo-nos nos bancos, junto dos nossos acompanhantes. No ar húmido pairava um aroma a incenso. A terrível solenidade da ocasião parecia-me um jugo nos ombros. Tenho a certeza de que os outros prisioneiros sentiam o mesmo; estávamos todos sentados como quem quer desaparecer. O altar central encontrava-se ladeado por cadeirões de brocado dourado e verde, e coberto por uma toalha negra, onde assentavam candelabros altos de prata. Um padre jovem seguia pela ala central carregando um enorme crucifixo. Atrás dele vinham três homens, um dos quais aleijado, agarrado por dois acompanhantes, e uma mulher de olhos protuberantes e cabeça rapada. Seguiam-nos cinco figuras de madeira em tamanho natural e grosseiramente pintadas, espetadas em paus – três homens e duas mulheres. Igual número de carregadores indianos caminhava atrás com baús de couro à cabeça.

Mais tarde, vim a saber que as figuras representavam os acusados após a morte de crimes contra a Igreja; os baús continham as suas ossadas, roubadas dos túmulos. Também o desconhecia na altura, mas o crucifixo de costas voltadas para eles significava que não tinham salvação.

Foi então que o meu coração me saltou no peito. Embora lhe houvessem cortado o cabelo branco muito curto e tivesse o rosto terrivelmente ferido e inchado, reconheci o penúltimo prisioneiro – o aleijado: era Phanishwar. Tal como os vizinhos, trazia um sambenito cinzento, com um homem grosseiramente pintado, as brilhantes chamas amarelas lambendo o ar onde pairavam demónios com cabeça de animal, e um chapéu cónico com as mesmas representações. Sob a imagem grosseira encontrava-se o seu nome em grandes letras pretas e em baixo a natureza do seu crime (FEITIÇO) e o que iria ser escrito na pedra tumular: MORREU QUEIMADO.

Tinha uma expressão exausta, e as faces tão inchadas que parecia um velho afogado. Estaria tão fraco que já nem percebia o que lhes estava reservado?

Não sei como, senti, bem no fundo de mim, que ele era o homem mais importante na sala – a encarnação de uma alma grande e santa. Seria um crime contra toda a natureza não correr em seu auxílio. Dei comigo de pé.

– Senta-te, louco! – murmurou-me o meu acompanhante, puxando-me.

Queria chamar a atenção de Phanishwar, mas o velho jaina não olhava para mim enquanto se encaminhava para o seu lugar, num dos últimos bancos da igreja. Depois disso, deixaria de conseguir vê-lo; havia demasiados prisioneiros entre nós.

Só um pensamento me ficou: *A quem posso pedir ajuda?*

– As pessoas lá atrás vão ser queimadas? – ousei perguntar num fio de voz ao capitão, quando o Grande Inquisidor se sentou no cadeirão à direita do altar. Ele fez que sim. – E não há nada que se possa fazer para as salvar? Um deles é um grande homem, talvez até a reencarnação de um deus hindu.

Morais lançou-me um tal olhar de ódio que estremei.

O vice-rei português da Índia, envergando uma túnica de seda azul, sentou-se então no cadeirão da esquerda, e o grande crucifixo foi colocado ao alto no centro do altar. Um padre idoso e bamboleante subiu ao púlpito e fez um sermão que parecia não ter fim, numa voz nasalada muito aguda. Não sei dizer o que pregou; o desespero latejava-me aos ouvidos e a única voz que escutava era a minha. Devo ter voltado a mergulhar na loucura: acreditava que, se me concentrasse muito, poderia enviar os meus pensamentos a Phanishwar. Incontáveis vezes lhe disse: *«Se confessares, talvez ainda vás a tempo...»*

Pouco depois, dois leigos com túnicas de seda azul aproximaram-se do púlpito e começaram a ler as acusações contra cada homem. Quando anunciavam o nome de um prisioneiro, este era escoltado pelo guarda até à ala central e depois para um segundo altar perto das portas de entrada. Aí chegado, ajoelhava-se, mandavam-no pôr as mãos sobre um missal e ouvia a sentença.

Um rapaz de olhos encovados e cabeça rapada, sem ponta de barba no rosto rosado, urinou ao arrastar-se para o altar. Alguns presentes riram, zombeteiros. Porém, pouco depois, já vários prisioneiros, incluindo uma velha, tinham tido desastres piores.

Quando me chamaram, arrastei-me pela nave, olhando para Phanishwar enquanto me aproximava dele. O espaço parecia muito escuro. A certa altura, ele estava apenas a três passos de mim. Podia ter-lhe tocado. E devia tê-lo feito, embora isso pudesse custar-me a vida.

Quando me aproximei, ele ergueu o olhar. Esbugalhou os olhos.

*Tens de confessar, para regressares para junto do teu Rama*, tentei dizer-lhe, mas a expressão dele endureceu: fitou-me como se eu fosse um dos seus carcereiros.

Deixei-o para trás. Quando o guarda me pressionou o ombro, ajoelhei-me com a mão num missal. Sentindo que a minha vida girava em torno daquele momento, fiquei a saber, antes de mais, que era excomungado e que todas as minhas posses terrenas me seriam expropriadas em proveito da Coroa, embora não possuísse em Goa nem um simples grão de açafraão. Até aqui, tudo bem. Respirei de alívio, como se fosse um homem livre. Porém, logo a seguir, explicaram-me que estava proibido de regressar à Índia Portuguesa e condenado a quatro anos de prisão em Lisboa, na cadeia da Galé.

*Nessa altura, o meu filho ou filha terá cinco anos, e a Tejal ter-me-á certamente dado como morto*, pensei desesperado.

Voltando aos tropeções para o meu lugar, incapaz de confiar nos meus pés, roguei silenciosamente a Phanishwar que confessasse. Ele desviou o olhar como se me desprezasse. Chamei-lhe louco, mas, sentando-me junto do capitão, ocorreu-me que talvez o jaina sofresse do engano que me atormentara durante semanas: pensava que eu estivera envolvido, desde o início, numa conspiração contra ele.

Conduzidos pelo Grande Inquisidor, uns vinte padres juntaram-se então no meio da nave; cada um levava um pequeno ponteiro de madeira. Um deles era o padre Carlos, o homem que atraíra Phanishwar ao engano para Goa e que reconheci da visita que nos fizera à cela. Baixei o olhar para me esconder dele; julguei que, se me descobrisse, me transferiria para o grupo dos sem salvação.

Dispersando-se pelos bancos, os padres tocavam no ombro de cada prisioneiro com a extremidade dos ponteiros e pronunciavam uma ladainha em latim que anulava a ordem de excomunhão e nos reintegrava na Igreja como católicos romanos. É evidente que *estes cristãos só odeiam a feitiçaria que não é deles*, pensava eu.

Infelizmente, as varinhas mágicas não tiveram qualquer efeito na minha pena de quatro anos.

– Somos agora irmãos na Santa Madre Igreja – exclamou o capitão Morais e sorriu como um pai orgulhoso, logo que um padre me tocou com a vara. Congratulando-me pelo que apodou como a minha sorte, beijou-me ostensivamente, tirando do bolso várias pequenas tartes doces, envoltas num pano de algodão branco, que a mulher fizera para quem ele viesse a acompanhar. Desta vez, não limpou as mãos às calças; evidentemente, a nódoa do judaísmo também fora removida por magia.

Regressado ao cadeirão, o Grande Inquisidor recebeu cada um dos homens e mulheres que iam ser queimados na fogueira para grande glória de Cristo, bem como as cinco efígies e os baús com as ossadas. Mais tarde, disseram-me que aquilo não era uma farsa, como a princípio me pareceu, mas uma catástrofe para as famílias: queria dizer que todas as suas posses terrenas seriam imediatamente confiscadas.

Foram lidos os autos contra estes infelizes, incluindo os mortos, pelo que soube que três das efígies eram de cristãos-novos acusados de heresia. Também descobri que um dos homens de pele escura não era um converso que recaíra nas suas velhas crenças hindus, como de início julgara, mas um cristão tomista acusado de feitiçaria. O próprio São Tomás convertera os seus antepassados ao cristianismo há mil e quinhentos anos, mas isso não impediu estes tiranos de o julgarem.

Phanishwar avançou arrastando-se, conduzido pelo guarda e um acompanhante, que o segurava. Não compreendia uma palavra do que lhe estavam a dizer e enfrentou a sentença de morte – que lhe foi lida num tom frio, de desprezo – com uma expressão de impassividade, como que num transe. Talvez todo o seu treino com *Dharanendra* o tivesse preparado para este momento único de confronto com o Anjo da Morte. Rezei para que ficasse a salvo com Parsva.

O guarda bateu no peito de Phanishwar e nos dos restantes condenados para anunciar que estavam para lá de toda a salvação, após o que foram levados pelos beleguins da Coroa portuguesa. Nós, os outros, seguimos atrás deles, em direção ao rio, ainda acolitados pelos nossos

acompanhantes, onde nos fizeram ficar de pé à espera. Na margem, tinham espetado nove estacas, cada uma das quais cercada por uma grande pilha de lenha. Os odores noturnos da Índia recordavam-me que a floresta estava ali perto, e que o crescente de lua parecia mergulhar nas águas escuras.

Um carrasco com o rosto tapado por um capuz atou com cordas grossas os prisioneiros, assim como as efígies. Chegada a vez de Phanishwar, arrisquei-me a falar novamente ao capitão.

– Por favor pare isto – implorei.

– É tarde de mais – disse-me.

– Tenho de me aproximar – anunciei.

Agarrou-me o braço.

– Não seja louco!

Libertei-me com uma sacudidela e abri caminho na multidão. O jaina encontrava-se agora atado com as mãos atrás das costas, fitando o céu como quem procura nas constelações algo há muito esquecido. O seu transe quebrara-se e mexia-se de desconforto. Parecia confuso, quase drogado.

Dois dos homens e a mulher pediram a graça de morrer como cristãos, que lhes foi concedida. Um carrasco encapuzado enfiou-lhes, um a um, um colar de ferro enferrujado em volta do pescoço e apertou-o com um torniquete. Os membros das vítimas asfixiadas estremeiam em convulsões horríveis; os olhos pareciam querer saltar-lhes das órbitas, mas em poucos instantes tudo acabou. Pendiam flácidos nas cordas, como se houvessem sido apanhados numa rede.

A multidão soltava vivas após cada execução, mas nós, prisioneiros, não deixámos escapar um só som.

Phanishwar e o cristão tomista recusaram a conversão. As suas piras foram acesas.

*Se estás presente no nosso mundo, para com isto,* rezei ao Senhor, mas as chamas atçaram-se logo nas calças de Phanishwar. Num abrir e fechar de olhos, ficou envolto em rolos de fumo. Começou a berrar de dor, puxando as cordas, os lábios crispados. Sabia agora que ia morrer em dor.

– Parsva, socorro! – gritou.

Chegava-nos o terrível cheiro a carne estorricada. Dois prisioneiros à minha frente caíram de joelhos, rezando pela misericórdia de Cristo. Outros começaram a vomitar.

– Socorro! – gritava Phanishwar em concani. Também o cristão tomista gritava.

– Phanishwar! – gritei e voltei a gritar, mais alto; ele avistou-me. Os olhos brilharam-lhe em sinal de reconhecimento.

– Socorro! – voltou a gritar. Agitou os braços, num esforço extremo para me tocar.

Levei uma mão acima da cabeça e fechei o punho, mas não havia tempo para pensar no que dizer.

– Nunca te traí! E estou a ver o que te estão a fazer! – gritei. Não podia suportar que ele deixasse este mundo a achar-me traidor.

Mas de que servia agora a minha lealdade? E como podia o meu testemunho ajudar fosse quem fosse?

Possivelmente, haviam-lhe embebido as roupas em óleo; Phanishwar inflamou-se como uma tocha antes que eu conseguisse gritar mais alguma coisa.

Forcei-me a observar a cara a encarquilhar-se e a enegrecer, sentindo que a destruição total daquele homem delicado era a chave do mundo em que eu nascera.

Um ser humano desfaz-se mais depressa do que julgamos possível. E arde com maior fúria. O fedor é insuportável. Deve ser este o cheiro do inferno.

Nada disse até ele mais não ser do que um monte de pele e ossos carbonizados.

– Não podem matar Parsva – murmurei nesse momento, dirigindo-me à minha própria impotência.

E prometi: *Se renasceres como assassino, vem ter comigo que eu ajudar-te-ei.*

Recusei sair dali quando mo ordenaram. Estava louco de terror e dor; queria ficar ali em protesto, mas fui arrastado pelo meu acompanhante, que me esbofeteou com tanta força que temi que me houvesse partido o maxilar. Ele e outros dois homens escoltaram-me até à cela, onde fiquei a chorar até sentir a misericordiosa escuridão do sono. Ao romper da aurora, quando acordei, tudo me parecia um sonho até ter apanhado as roupas do chão e sentido nelas o odor da carne carbonizada de Phanishwar.